

MENDES JUNIOR, Juscelino Ferreira. **Cartografias do caos: o programa performativo como dispositivo da presença na performance Buraco Negro**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC; Mestrando; Bolsista da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Orientadora: Juliana Soares Bom-Tempo

RESUMO

A performance Buraco Negro se configura enquanto uma instalação performática, remontando aos signos da loucura, do erótico, do caos e outras possíveis leituras. Eleonora Fabião (2013) propõe pensar o programa performativo como o norteador na ação da performance. Abordaremos aqui o programa performativo como um dispositivo da presença. Apresentaremos o processo criativo da performance/instalação Buraco Negro (2017), performada pelo grupo de pesquisa Asfalto – texturas entre artes e filosofia. Ao olhar para o programa performativo, nos coloca de frente com as forças que habitaram os performers e o processo criativo do trabalho, e como esse processo de estabelecer um programa ativa uma qualidade de presença nos corpos, efetivando um dispositivo de presença. Como o programa performativo pode operar enquanto um dispositivo de presença? Quais forças atravessaram os corpos dos performers na performance Buraco Negro? Portanto, iremos apresentar o processo criativo junto ao programa performativo da performance, e assim, elencar os dispositivos que operaram e efetivaram o estabelecimento da presença.

PALAVRAS CHAVE: arte da performance; presença; dispositivos; programa performativo.

ABSTRACT

The Buraco Negro performance is configured as a performance installation, tracing the signs of madness, eroticism, chaos and other possible readings. Eleonora Fabião (2013) proposes to think of the performative program as the guide in the performance action. We will approach here the performative program as a device of presence. We will present the creative process of performance/installation Buraco Negro (2017), performed by the research group Asfalto - textures between arts and philosophy. By looking at the performative program, it confronts us with the forces that inhabited the performers and the creative process of the work, and how this process of establishing a program activates a quality of presence in the bodies, effecting a presence device. How can the performative program operate as a presence device? What forces cross the presence devices that operated on the Black Hole performance? Therefore, we will present the creative process together with the performative performance program, and thus, list the devices that operated and established the presence.

KEYWORDS: performance art; presence; devices; performative program.

Ao olhar para a prática performativa nos deparamos com diversos modos de funcionamento, singulares a cada performer ou grupos, e dentro dessas práticas, procuramos estabelecer relações com o corpo, o espaço, o dentro e o fora. A presença é um dispositivo essencial na prática da performance, e nas artes presenciais, tendo em vista que, o performer se coloca ali, presente e disposto com seu corpo, por isso, nos vale cartografar os dispositivos e estratégias que efetivam a presença na ação performativa.

Dentro das práticas do grupo de pesquisa Asfalto – texturas entre artes e filosofia, temos o “programa performativo” (FABIÃO, 2013) como estratégia na execução das performances, algo que nos norteia durante a prática performativa, um procedimento que garante a ação sua proposta. Abordando o programa performativo, vemos uma forte relação entre o compromisso em realizar o programa com a corporificação da presença nas nossas práticas; em especial na instalação performática Buraco Negro (2017), que teve como eixo disparador, a construção de um estado psicofísico desviante, louco, erótico etc.

Portanto, discutiremos aqui, a construção desses dispositivos de presença, tendo como eixo o programa performativo, e o desvelamento dos processos envolvidos na instalação performática supracitada. Dentro da discussão, nos interessa apresentar e compartilhar a experiência desse corpo que se coloca em experimentação, então, será apresentado uma descrição da ação, e depois uma articulação da mesma com o campo teórico acerca dos dispositivos (AGAMBEN 2009) e do programa performativo (FABIÃO 2013).

Cartografias do caos: um processo de criar corpos desviantes...

A instalação performática Buraco Negro (2017), surgiu na disciplina “dramaturgia do corpo” da graduação em Dança da Universidade Federal de Uberlândia, foi pedido na disciplina para desenvolver um processo cênico-performativo pensando na dramaturgia do corpo e os processos criativos. No primeiro momento fomos levados para um tema que consideramos importante por ser da ordem do psicológico e que particularmente nos interessa, o tema da loucura, e nas pesquisas nos salta aos olhos o documentário “Em nome da razão” de 1979 com direção de Hélycio Ratton¹. O documentário mostra o cotidiano de pacientes psiquiátricos no Hospital Colônia de Barbacena, que foi um dos maiores hospitais psiquiátricos de sua época, chegou a ter mais de 30 mil pacientes internados, por diversos motivos: desde um desequilíbrio mental, ou até mesmo, por ser homossexuais, mulheres que engravidaram e foram internadas para serem silenciadas, pessoas excluídas do funcionamento “normal” da sociedade etc. No documentário é denunciado a forma como esses pacientes foram tratados, sem a menor qualidade de vida, ou respeito aos direitos humanos, algo que vai desembocar na luta antimanicomial na década de 80.

Então debruçamos no documentário para realizar um estudo de movimentos, e a partir dos movimentos dos pacientes, uma partitura corporal foi criada focando em um movimento específico. Em umas das cenas, tem um paciente que fica sentado no chão em um movimento de balanço, um pouco infantilizado, como uma criança esta sozinha e com frio, um comportamento frequente em pessoas com altas doses de medicação e desordem mental.

¹ Documentário disponível em: <https://vimeo.com/162724580> acessado em: 28/04/2019.

Dentro dessa partitura partimos então para construção do “programa performativo”, que constituía em: ficar sentado, balançar o tronco em um vai-e-vem intenso, e expressar sons, ruídos, algo que não fosse uma palavra que carregasse sentido representativo dentro da nossa língua.

Ao tocar nos signos da loucura, veio uma inquietação acerca de um relação entre loucura e escuro, portanto, um outro elemento dramático veio compor a instalação, que foi a vela acesa, tendo em vista que, tudo se deu em uma sala preta, e a única forma de ver os corpos dos performers foi pela luz das velas, e assim, outro elemento foi adicionado ao “programa performativo”; apagar e acender a vela dos outros performers – nunca a sua.

De forma descritiva, a instalação performática se desdobrou em uma sala preta, com velas acesas, corpos nus, isqueiros, pires ou pedras que serviram de suporte para as velas, e o caos operante que dava uma camada de mistério e profundidade a experiência ali compartilhada. Quando o público adentrou o ambiente, começou várias interações entre público e performers, algo que ingenuamente não tínhamos pensado na possibilidade, e que acabou levando a instalação para outro lugar. As pessoas sentaram e repetiam os movimentos de balanço, apagaram as velas e acendiam, recebemos abraços, olhares incisivos, uma tentativa de estabelecer relações, nem sempre de acolhimento.



Imagem 1 – Buraco Negro. Performada pelo grupo de pesquisa Asfalto – texturas entre artes e filosofia. 5 de julho de 2017 – Uberlândia – Evento Sala Aberta da graduação em Dança da Universidade Federal de Uberlândia. Foto: Renata Almeida Silva Britto. Fonte: acervo pessoal.



Imagem 2 – Buraco Negro. Performada pelo grupo de pesquisa Asfalto – texturas entre artes e filosofia. 5 de julho de 2017 – Uberlândia – Evento Sala Aberta da graduação em Dança da Universidade Federal de Uberlândia. Foto: Renata Almeida Silva Britto. Fonte: acervo pessoal.

Como se constrói corpos delirantes?!

O grupo de pesquisa Asfalto, tem como campo de interlocução a filosofia e a arte da performance, portanto, nossa experimentação passa pela corporificação de conceitos advindos da filosofia da diferença, especificamente nesse trabalho, as concepções de Deleuze e Guattari (2012) acerca da construção de um Corpo sem Órgãos, corpo intensivo que habita zonas de vizinhança, processos de devir.

Em seu texto “28 de novembro de 1947 – Como criar para si um Corpo sem Órgãos?”, os autores tensionam questões relacionada ao corpo, e como ele estabelece suas relações na sociedade, sobre seus processos de estratificação e condicionamento que impedem as forças intensivas de passarem, obstruindo a criação de tal corpo. Sendo assim, Deleuze e Guattari (2012, p.16) falam das intensidades e procedimentos desse processo:

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O Cso faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo. Não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau – grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade = 0, mas nada há de negativo neste zero, não existem intensidades negativas nem contrárias. Matéria igual a energia. Produção do real como grandeza intensiva a partir do zero.

Abrir o corpo as intensidades foi o que permeou a construção de um corpo intensivo e delirante na instalação performática. Deleuze e Guattari propõe no texto a criação de um programa de experimentação, e no caso da instalação, tivemos como programa de experimentação, estratégias de respiração, práticas de exaustão que construíram esse Corpo sem Órgãos – que abordamos como um corpo em estado psicofísico alterado.

Durante o processo de experimentação desse corpo, usamos a vocalização de sons, ruídos, para expressar e fazer vazar a energia desse corpo, que foi ganhando outras camadas, devido a singularidade dessas vozes no escuro. Na execução da instalação performática, recorriamos a essas estratégias construídas na experimentação, ou seja, usamos a respiração para manter esse estado corporal alterado, e o programa performativo como agenciador da presença.

Dispositivos da presença

Como foi colocado acima, apostamos no programa performativo como um dispositivo da presença, e dentro da construção da instalação performática, direcionamos nossa atenção na execução de tal dispositivo. O dispositivo de presença como um canal de passagem da presença construída na experimentação do Corpo sem Órgãos, e no encontro com o público.

Eleonora Fabião parte do texto acerca do Corpo sem Órgãos (CsO) de Deleuze e Guattari para criar o conceito de programa performativo. Nas palavras da autora:

Programa é motor de experimentação porque *a prática do programa* cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hanna Arendt, programas são **iniciativas** (FABIÃO, 2013, p.4 grifo da autora).

Dessa forma, o programa performativo garante que a ação seja da ordem da experimentação, um estabelecimento de relações, que se faz político “porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir” (ROLNIK, 1993, p.6-7). De fato, e sobre libertar o corpo daquilo que o estratifica, o subjetiva e o coloca em padrões, que a arte da performance visa se inscrever. Por isso, o programa performativo tem como objetivo nortear a experimentação (FABIÃO 2013), cartografando as forças intensivas de uma performance.

Esse movimento de captura de forças operado pelo programa performativo, nos aponta em direção aos dispositivos de que Agamben (2009) nos fala, quando alarga o que foi proposto por Foucault:

Generalizando posteriormente e já bastante ampla classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e

assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos (IBID., 2009, p.40).

Por isso, considero que o programa performativo opera enquanto um dispositivo da presença na instalação performática Buraco Negro. Entendo que uma das funções do programa performativo é de nortear, orientar e efetivar a ação dos performers, e isso é algo que os dispositivos agenciam entre as relações. Tanto que Fabião (2009) anuncia sobre a realização do programa, que tem como efeito suspender os hábitos, automatismos e mecanicidade do performer, algo que o coloca de frente ao sem tempo-espaço, uma forma de pertencer ao mundo.

É nessa abordagem de se colocar no presente, pertencer ao mundo, que interessa pensar acerca dos dispositivos da presença, que operam a corporificação de forças atuais e virtuais na arte da performance. Seria esses dispositivos da presença que intervêm nos corpos que entram na relação performática, compondo assim um campo de imanência habitado por corpos intensivos.

Corpos delirantes e dispositivos da presença(s)

O contorno do buraco negro: a subjetivação.
Delimitação da consciência, das paixões, das redundâncias. A superfície de inscrição: o rosto. Linhas, rugas, marcas, traços. "O rosto é um mapa". Cercado e margeado, cavidades que só existem enquanto buracos².

O processo de construção desse corpo delirante se deu por meio da experimentação na sala de trabalho, e não tivemos como intenção representar um corpo de pacientes psiquiátricos, por isso, as pessoas tiveram diversas leituras acerca da ação, como por exemplo: corpo erótico, corpo desviado, corpo louco...

Por isso, nos foi interessante abordar o programa performativo como o mote de corporificação da ação, buscar experimentar em nossos corpos codificados e subjetivados, um estado que vaza ao uso comum do corpo, que instale ali um processo de devir. E isso foi possível, devido a direção que o programa performativo nos levou, como no caso de manter a respiração, e o jogo de apagar e acender as velas, algo que se desdobrou na relação com o público.

Abordar os dispositivos da presença é algo crucial nas práticas performativas, devido a confrontação com outros dispositivos que buscam desviar a atenção do tempo presente para o passado e futuro, dispositivos que operam um distanciamento das relações do corpo com seu tempo operante. "Nós, seres humanos, vivemos estruturalmente no fluxo do tempo, espremidos entre nossas lembranças boas ou ruins do passado e nossos projetos do futuro" (FERRACINI; FEITOSA, 2017, p.110). Certamente o movimento contrário que a performance busca instituir em suas práticas, sendo ela "a afirmação de uma

² Sinopse da instalação performática Buraco Negro (2017).

presença pura” (Ibid., p.109). Porém, para ser presença pura, há uma torção a ser feita pelo performer, que é se desfazer de sua identidade, de seu corpo estratificado, e isso perpassa pela experimentação, que produz uma dissonância naquele conhecimento estabelecido acerca do corpo.

Hoje, a arte da performance reflete a sensibilidade célere da indústria de comunicações, mas é também um antídoto essencial aos efeitos do distanciamento provocado pela tecnologia. Porque é a presença mesma do artista performático em tempo real, da “suspensão do tempo” dos *performers* ao vivo, que confere a esse meio de expressão sua posição central. (GOLDBERG, 2006, p.216 grifo da autora).

Chamaremos de dispositivo da presença as práticas performáticas ou cotidianas que vão permear um espaço de fruição das forças e intensidades que conectam o performer com o tempo presente, que contra as tentativas de captura, resiste e reivindica o direito de existir naquele tempo presente, frente a toda escuridão. Um longo caminho há pela frente até que possamos alcançar uma qualidade de estar presente real, um quando que anuncia o agora, e não uma promessa, processos que vão estar ligados a forma como usamos nosso corpo, como queremos usá-lo, por isso se faz necessário, mais do nunca, resistir aos modelos impostos, e produzir assim múltiplos modos de vida e corporeidades, e reivindicar o direito do “estar presente”.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto et all. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

GOLDBERG, RoseLee. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Coleção a).

FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo: o corpo-em-experiência**. Revista Lume, n.4, p. 1-10. 2013.

FERRACINI, Renato; FEITOSA, Charles. **A questão da presença na filosofia e nas artes cênicas**. Uberlândia. Revista Ouvirouver, V.13, N.1, p.106-118. 2017.

ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Cadernos de Subjetividade, v.1, n.2, p. 241-251. 1993.